

**CENTRO EDUCACIONAL TRÊS MARIAS EIRELI  
FACULDADE TRÊS MARIAS – FTM  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**FLAVIANE DOS SANTOS RODRIGUES CAVALCANTI**

**UMA ABORDAGEM À PRÁTICA DA LEITURA E ESCRITA COM CRIANÇAS  
DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

**PETROLINA - PE  
2020**

**FLAVIANE DOS SANTOS RODRIGUES CAVALCANTI**

**UMA ABORDAGEM À PRÁTICA DA LEITURA E ESCRITA COM CRIANÇAS  
DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito final para obtenção do título de Licenciatura Plena em Pedagogia, do Centro Educacional Três Marias. sob orientação da Professora Mrs. Mirinalda Alves Rodrigues dos Santos

**PETROLINA - PE  
2020**

**FLAVIANE DOS SANTOS RODRIGUES CAVALCANTI**

**UMA ABORDAGEM À PRÁTICA DA LEITURA E ESCRITA COM CRIANÇAS  
DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL I**

Monografia apresentada ao Centro Educacional Três Marias como requisito final para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia do curso de Pedagogia.

Orientador (a): Prof. Mirinalda Alves Rodrigues dos Santos

Aprovado(a) em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

---

\_\_\_Prof. Mrs. Mirinalda Alves Rodrigues dos Santos  
Centro Educacional Três Marias

---

\_\_\_Prof. Mrs. Mirinalda Alves Rodrigues dos Santos  
Centro Educacional Três Marias

---

\_\_\_Prof. Mrs. Mirinalda Alves Rodrigues dos Santos  
Centro Educacional Três Marias

**PETROLINA/PE  
2020**



Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pois sem ele não teria forças para vencer essa longa jornada, a meu pai e minha mãe, irmãos, sobrinhos, amigos e familiares e aos meus filhos.

Agradeço a Deus e todos os professores que me acompanharam durante a Graduação. Aos colegas de turma que me ajudaram nessa jornada e em especial a Alessandra que me ajudou na minha locomoção.

A todos os professores que durante todo o curso me auxiliaram de diversas formas, me orientando e servindo de inspiração para que pudesse continuar.

A minha orientadora Mirinalda Alves Rodrigues dos Santos pela dedicação, competência, paciência e por me incentivar a superar minhas limitações.

Muito obrigado nunca será o suficiente para demonstrar a grandeza do que recebi de vocês. Peço a DEUS que os recompense a altura.





“Livros não mudam mundo, quem muda o mundo  
são as pessoas. Os livros mudam as pessoas”.

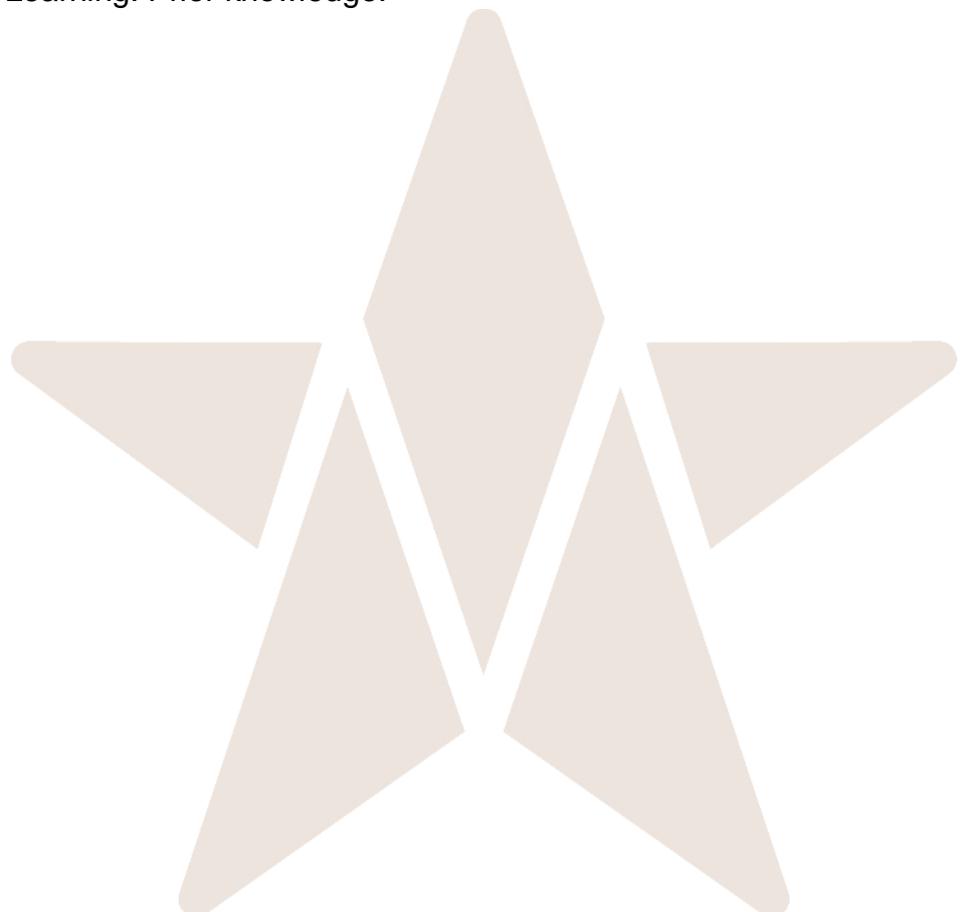
Mario Quintana

Este trabalho teve como objetivo analisar como a prática da leitura e escrita contribui no desenvolvimento de aprendizagem das crianças do Ensino Fundamental I. E, através dele, analisar o desenvolvimento das crianças e seu relacionamento com a linguagem escrita, através das suas características e modalidades, muito antes de seu ingresso na escola. Aprender a ler significa aprender a ler o mundo, dar significado / significado a ele. Como marco teórico inspirou-se nos estudos de Vygotsky(1992), Freire(1987), Cagliari(2002), Ferreiro(2001), Solé(1994), Castro(2006), Barbosa(1990), entre outros. Quanto aos suportes metodológicos, utilizou-se a pesquisa bibliográfica interpretando-a como a busca de significação do conteúdo teórico exposto pelos pesquisadores da área e da descoberta dos contextos em que estas se fizeram. A leitura e a escrita hoje, tem sido consideradas, comandos básicos de um ser humano comum aos outros, como forma principal de comunicação e sobrevivência, por assim dizer. Em épocas antigas, estes dois meios de comunicação, eram vistos apenas como prestígio, riqueza, luxúria, porém, em dias atuais, são essenciais e não podem ser desprezados. A criança pode se apropriar de vários gêneros, sendo fundamental a compreensão do educando sobre cada estilo, sendo capaz de saber refletir e dar ao que leu um sentido, uma ideia, uma opinião, desenvolvendo suas habilidades e competências até o letramento. Assim, espera-se, que com a conclusão do estudo, a prática docente da pesquisadora possa oferecer aos educandos, maior dinamismo sobre a leitura nos anos iniciais.

**Palavras-Chave:** Desenvolvimento. Aprendizagem. Conhecimento.

This work aimed to analyze how the practice of reading and writing contributes to the development of children's learning in Elementary School I. And, through it, to analyze children's development and their relationship with written language, through its characteristics and modalities, long before he entered school. Learning to read means learning to read the world, giving meaning to it. As a theoretical framework, it was inspired by the studies of Vygotsky (1992), Freire (1987), Cagliari (2002), Ferreiro (2001), Solé (1994), Castro (2006), Barbosa (1990), among others. As for methodological supports, bibliographic research was used, interpreting it as the search for meaning of the theoretical content exposed by the researchers in the area and the discovery of the contexts in which they were made. Reading and writing today, have been considered, basic commands of a human being common to others, as the main form of communication and survival, so to speak. In ancient times, these two means of communication were seen only as prestige, wealth, lust, however, today, they are essential and cannot be neglected. The child can appropriate several genres, being fundamental the understanding of the student about each style, being able to know how to reflect and give what he has read a sense, an idea, an opinion, developing his skills and competences until literacy. Thus, it is expected that, with the conclusion of the study, the researcher's teaching practice can offer students greater dynamism over reading in the early years.

**Keywords:** Development. Learning. Prior knowledge.



<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
<b>1 CONTEXTUALIZANDO A LEITURA.....</b>	<b>14</b>
1.1 As primeiras ideias de leitura no Brasil e no mundo .....	25
1.2 Prática de Leitura com Crianças no Primeiro ano do Ensino Fundamental .....	29
1.3 Alfabetização e Letramento no primeiro ano do Ensino Fundamental .....	31
1.4 Variedade da Leitura de Gêneros Textuais com Crianças no 1º ano .....	35
<b>2 METODOLOGIA .....</b>	<b>38</b>
<b>3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DE DADOS DA PESQUISA .....</b>	<b>40</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>42</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>44</b>



A leitura para crianças em fase de descobertas gera grande curiosidade, além de incentivar a vontade de conhecer outros estilos e textos. Porém, pode-se notar, que entre tantos gêneros da Literatura, ainda há nos contos, um encantamento próprio das crianças, por mais que o tempo passe, por mais que os avanços da tecnologia tragam encantamento, ainda ouvir contos, deleitar-se na leitura da genialidade da fantasia que eles traduzem, tem sido em sala de aula um grande norteador da leitura inicial para os pequenos. Nesse sentido, a escolha do tema proposto, surgiu por uma inquietação de vários autores, buscando uma maior compreensão sobre a prática da leitura e escrita nos anos iniciais.

Ler, sempre foi um desafio para toda a humanidade terrena, entrar na escola pela primeira vez, apropriar-se da leitura nos anos iniciais, foi sempre um caminho a ser seguido por educadores e familiares. Realizar a primeira leitura, compreender os fonemas e grafemas, tem sido algo muito esperado pela escola, em especial, quando se trata de educandos dos anos iniciais. Diante do exposto, surge a inquietação: como a leitura deve ser utilizada e introduzida na escola, para facilitar a aprendizagem de crianças do 1º ano, do ensino fundamental dos anos iniciais?

O estudo aqui apresentado, com abordagem à Leitura no 1º ano do Ensino Fundamental dos anos iniciais, tem como **objetivo geral**, analisar como à prática da leitura e escrita contribui no desenvolvimento de aprendizagem das crianças do Ensino Fundamenta I. E tem como **objetivos específicos**, refletir a importância da leitura e escrita no processo de ensino; identificar as dificuldades de leitura e escrita de alunos do primeiro ano do Ensino Fundamental e compreender como se dá a formação docente para o processo de alfabetização e letramento.

O estudo de cunho bibliográfico, com teóricos embasados sobre o tema proposto para reflexão das autoras desse texto. O tema da pesquisa foi escolhido pela importância que a leitura tem na formação dos educandos e pela sua capacidade de desenvolver uma visão crítica sobre os fatos de seu cotidiano. Podemos esclarecer ainda que os exercícios constantes da leitura estão atrelados a uma série de conhecimentos diretamente ligados a estas atividades, ou seja, existe uma diversidade de benefícios obtidos através dessa prática, para aquelas que mantêm um contato direto e contínuo com livros variados e materiais de leitura.

Compreende-se por leitura de construção de significados do texto para qual colabora autor/leitor, de construção dos sentidos do texto, da exploração das propriedades discursivas e textual. Um leitor competente deve compreender o que leu e estabelecer relação entre leitura localizando elementos discursivos.

A leitura é a extensão da escola das pessoas, a maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através dela, a grande maioria dos problemas que os alunos encontram ao longo dos anos é decorrente de problemas de leitura, a mesma proporciona uma base de conhecimentos que darão os fundamentos para o aluno poder pensar com mais clareza e ter facilidade de se expressar. Com a leitura se constrói referências, ponto de apoio, que por sua vez, auxiliam as assimilar o conhecimento mais facilmente isto é, por meio dela que se abrem as portas para entender o mundo.

É importante ressaltar que para aquisição do conhecimento não basta apenas ouvir, desde pequena é preciso que a criança tenha contato com materiais escritos.

A escolha deste estudo surgiu a partir da realidade de hoje, percebo a necessidade de expor às crianças a leitura para que as mesmas possam através dela desenvolver seus conhecimentos.

No mundo tecnológico esta cada vez mais difícil o hábito da leitura o que leva os “leitores” a dificuldade na interpretação dos textos lidos, os pais estão deixando de comprar livros, revistas, etc para incentivar a leitura para comprar aparelhos eletrônicos com jogos digitais e isso pode deixar as crianças preguiçosas para treinar a leitura por conseguir acessar o que deseja sem esforços. Além disso, as escolas hoje optam por sistemas tecnológicos que substituem livros, revistas, e outros materiais didáticos por aparelhos e programas tecnológicos.

Sabendo que a leitura é um fator inquestionável de conhecimentos e que permite aos leitores uma visão mais clara dos fatos sociais, é necessário que os educadores trabalhem em sua pratica pedagógica uma realidade que seja favorável aos educando, passando da teoria a pratica. “Já que nem sempre infelizmente muitos de nós educadores e educadoras que proclamam uma opção democrática temos uma prática em coerência com nosso discurso avançado.” Paulo Freire (1982). Esta frase citada por Paulo Freire mostra uma frequente realidade de professores que não possui bons procedimentos para fazer um trabalho de

qualidade com seus alunos e que expressem os seus conhecimentos apenas teoricamente.

Segundo Beatriz Cardoso (2000) um dos recursos importantes para desenvolver a atitude de ler e possibilitar aos alunos o convívio frequente com textos de boa qualidade de maneiras de transformá-los em usuários de linguagem. É importante ressaltar que o contato direto dos educando com textos diversificados é necessário porque hoje sabemos que aprender a ler não depende de aprender a codificar a escrita, mas de entender para que a escrita e a leitura servem e o que elas apresentam.

Nesse sentido, toma-se como foco a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento que define as aprendizagens comuns que devem ser essencialmente desenvolvidas por todos os alunos no decorrer da Educação Básica (BRASIL, p. 7, 2017), de modo a analisar suas recomendações no que se refere ao ensino da compreensão leitora e refletir sobre as perspectivas que este documento apresenta aos educadores na atualidade.

É importante compreender que a leitura não é apenas a decodificação de símbolos, mas também a compreensão do que se lê e a relação do que se lê com outros conhecimentos acumulados. Segundo Kleiman (2011) — a compreensão de um texto é um processo que se caracteriza pela utilização de conhecimentos prévios, ou seja, é mediante a interação com diversos níveis de conhecimento que o leitor consegue construir o sentido do texto.

Diante dos dados citados, o primeiro capítulo apresenta o processo histórico da leitura e os pressupostos teóricos. O segundo momento, a pesquisa mostra a importância do psicopedagogo no processo de leitura.

O maior problema de aprendizagem dos anos iniciais do Ensino Fundamental está centrado no processo de alfabetização e principalmente nas atividades de leitura e escrita. A leitura nos anos iniciais deixa o professor bastante inquieto, porém, necessita-se de meios para ajudar a descoberta do ato de ler para daí ajudar na aprendizagem da criança.

A leitura para crianças em fase de descobertas, gera grande curiosidade, além de incentivar a vontade de conhecer outros estilos e textos. Porém, pode-se notar, que entre tantos gêneros da Literatura, ainda há nos contos, um encantamento próprio das crianças, por mais que o tempo passe, por mais que os avanços da tecnologia tragam encantamento, ainda ouvir contos, deleitasse-se na

leitura da genialidade da fantasia que eles traduzem, tem sido em sala de aula um grande norteador da leitura inicial para os pequenos.



## 1 CONTEXTUALIZANDO A LEITURA

Pode-se conceber uma história da leitura mais simples, enquanto mero relato da progressão cronológica das obras escritas. Essa acepção, ainda que singela, impõe de imediato certas condições, a primeira é a de existir a escrita, reconhecida pela sociedade enquanto um de seus possíveis meios de comunicação; outra, é a de obras produzidas terem se tornado públicas, vale dizer, socializadas. Da sua parte, essa socialização decorre de algumas providências, como a de possibilitar o acesso à escrita por parte dos membros da sociedade, o que implica também o estabelecimento de uma instituição encarregada de fazê-lo: a escola, que, de seu lado, carece de pessoal qualificado para desempenhar a tarefa de decodificar letras e alfabetizar- o que corresponde à leitura.

Vê-se que a história da leitura ultrapassa a história da literatura, preocupada, pelo menos até o momento, com a sequência, no tempo, de obras de cunho artístico, divididas conforme o gênero- a poesia foi privilegiada, desde o início, mesmo antes de a história da literatura se reconhecer como tal- e conforme a língua em que circularam pela primeira vez. A história da literatura adota recortes que identificam seu objetivo pela nacionalidade, a língua sendo a opção mais frequente. Quando esse critério falha, como no caso das literaturas produzidas nas Américas, recorre-se o fator geográfico, e a literatura confunde-se com o país em que apareceu inicialmente ou de provém o autor do texto.

Os primeiros filósofos. Lisboa: Estampa 1974. A história da leitura avança para além do texto, lidando pelo menos com:

Uma instituição: a escola onde atuam indivíduos habilitados a exercer funções pedagógicas, pelas quais são remunerados; esse assalariado – o professor – não precisa estar regularmente qualificado ou titulado, mas por força da necessidade do talento ou do gosto ele se prepara por o exercício da profissão que o distingue. Uma técnica: a escrita enquanto código reconhecido e aceito pela comunidade, que precisa dele para operar nas relações familiares, sociais ou econômicas. As relações entre a expansão da escrita e da sociedade capitalista são notáveis, e George Thomson estudioso da cultura helênica, chama a atenção para a circunstancia de a fixação do alfabeto grego, no século VII a.c, ter-se dado simultâneo a aceitação da moeda como fator de circulação dos produtos comerciais. Dinheiro e escrita podem não ter nascido ao mesmo tempo, mas passaram a infância juntos e sua expansão tem ocorrido em sociedades altamente desenvolvidas.

do ponto de vista econômico. Uma tecnologia: a fixação da escrita num meio físico permanente. Esse variou com o tempo, tendo sido originalmente o barro, como ocorreu aos sumérios que guardaram suas anotações para o que se valeram da escrita cuneiforme, em tabuletas de argila; mas depois apareceram instrumentos mais práticos: o papiro, um tanto frágil, o pergaminho resistente e duradouro, o papel de baixo custo embora perecível. Essas alterações supuseram interferências de novas técnicas para exploração dos recursos naturais de que resultou a expansão dos meios para fixação da escrita, bem como o barateamento das produções e as facilidades de circulação. Modificaram-se igualmente as formas do objeto que transportava a escrita dos rolos dos pergaminhos ao formato retangular do livro impresso em papel, até nesse final de milênio o quadrado de plástico que identifica os disquetes ou os círculos de alumínio dos CDS, a que se tem acesso por intermédio de programas de linguagem eletrônica, decifrados por um editor de texto. LISBOA (1974)

Os processos de fixação da escrita também se transformaram no tempo, caminhando na direção da facilitação e da socialização. Uma tabuleta de argila, supunha o trabalho de um perito, o escriba que documentava a informação oral recebida, seja do poeta, seja do administrador que desejava contabilizar seus ganhos e propriedades. Esse trabalho individual especializado e de difícil circulação, prolongou-se até o século XV da era cristã, quando a invenção dos tipos de moveis e da impressão mecânica propiciou pela primeira vez, a produção em escala industrial de textos impressos.

Logo a história da leitura consiste na história das possibilidades de ler. A atividade da escola somada a difusão da escrita enquanto forma socialmente aceita de circulação de bens e a expansão dos meios de impressão, faculta a existência de uma sociedade leitora mas, para que isso ocorra é preciso:

Que a escola seja atuante, isto é, que se valorize a educação enquanto fator de ingresso a sociedade e ascensão; Que a escrita seja, ela mesma considerada um bem, propriedade que atesta a existência de outras propriedades ( talvez não seja um caso que não se assegure a propriedade por intermédio de uma escritura, que o dinheiro circule como papel e se traduza em investimentos-letras ); Que se julgue a impressão de textos escritos um negócio lucrativo; LISBOA (1974)

Para corresponder a essas condições, só a sociedade capitalista. Sabe-se que escolas existiram na Grécia e na Roma, que a escrita remonta aos sumérios de terceiro milênio antes de Cristo e que as técnicas de impressão começaram com os

chineses, ainda durante a Idade Média Ocidental. Mas a reunião desse fator ocorreu por causa da emergência e sucesso da sociedade capitalista, quando o capital cultural tornou-se igualmente importante para acumulação ou capital financeiro.

A leitura então consolidou-se como prática nas suas várias acepções. Produto da escola e critério para ingresso e participação do indivíduo na sociedade, veio a ser valorizado como ideia, por distinguir o homem alfabetizado e culto por analfabético e ignorante. A leitura passou a distinguir, mas afastou o homem comum da cultura oral; nesse sentido, cooperou para acentuar a clivagem social, sem contudo revelar a natureza de sua ação, pois colocava o ato de ler como um ideal a perseguir. O ainda não leitor apresenta-se na situação primitiva de falta, que lhe cumpre superar, se deseja ascender ao mundo civilizado da propriedade, por consequência do dinheiro e da fortuna.

Não é coincidência que apenas dois tipos de seres ficam de fora do mundo da leitura, qualificadas de frágeis e ineptos, até ingressarem na escola: a criança e o “homem do povo”, ambos recebem o mesmo qualificativo: são analfabetos, mas o primeiro pode transformar a carência em plenitudes, desde que educado. Espera-se o mesmo do segundo, seguidamente estereotipado de modo pueril até mudar sua situação, para o que intervêm os ensinamentos que recebe.

O tema leitura tem sido amplamente discutido nos meios acadêmicos, uma vez que no processo de alfabetização precede a aprendizagem da escrita. Para situarmos o estudo a ser desenvolvido sobre leitura se faz necessário que se busque a definição deste termo, a luz do que já foi estudado sobre a temática aqui abordada.

Segundo Tersariol “leitura é o ato ou efeito de ler, arte, hábito de ler; aquilo que se ler”. O ato de ler, para Brandão e Micheletti (2002, s/d, p. 266).

É um processo abrangente e complexo; é um processo de compreensão, de inteligência de mundo que envolve uma característica essencial e singular ao homem: a sua capacidade simbólica e de interação com o outro pela mediação de palavras. O ato de ler não pode se caracterizar como uma atividade passiva.

É através do ato de ler que o homem interage com outros homens por meio da palavra escrita. O leitor é um ser ativo que dá sentido ao texto. A palavra escrita ganha significação a partir da ação do leitor sobre ela. A leitura é um processo de

compreensão de mundo que envolve características essenciais singulares do homem, levando a sua capacidade simbólica e de interação com outra palavra de mediação marcada no contexto social. Assim, um texto só se completa com o ato da leitura na medida em que é atualizada a linguística e a temática por um leitor.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, instrumento norteador de apoio às práticas pedagógicas, no tópico *Prática de leitura*, apresenta a seguinte definição para a leitura:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir dos seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua: características do gênero, do portador, do sistema de escrita, etc. (PCN's2001, p. 53).

Prosseguindo, os PCN (*ibidem*) afirmam que a leitura “não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando-a letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica, necessariamente compreensão na qual os sentidos começam a ser construídos antes da leitura propriamente dita”.

Para Kleiman (1989, p. 10), “leitura é um ato social, entre dois sujeitos – leitor e autor – que interagem entre si, obedecendo a objetivos e necessidades socialmente determinados”. Portanto, a leitura deve ser entendida como o resultado de sentido. O texto é o resultado de um trabalho anterior do autor e chega até o leitor convidando, desafiando a sua importância da leitura. Ler não é, pois decodificar, traduzir, repetir sentidos dados como prontos, é construir uma sequência de sentidos a partir dos índices que o sentido do autor quis dar a seu texto.

O trabalho didático-pedagógico com a leitura que tenha como finalidade a formação de leitores competentes, capazes de produzir textos eficazes, tem origem na prática de leitura. O objetivo da leitura é formar cidadãos qualificados para compreender diferentes textos com os quais se defrontam. Portanto, a escola deve oferecer materiais de qualidade para seus educandos, para torná-los leitores proficientes, com práticas de leituras eficazes. O leitor qualificado é aquele que consegue interagir com o texto, identificando não apenas elementos explícitos no texto, mas também lendo nas entrelinhas, ou seja, extraindo significados também de elementos que não estão explícitos no texto.

Tratando da formação do leitor competente os PCN (2001, p. 54) dizem que: “Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreende o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito”. O leitor qualificado consegue estabelecer relações entre os textos lidos que lê e outros textos já lidos, sabendo que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto, uma vez que “o leitor constrói e não apenas recebe um significado global para o texto” (KLEIMAN, 1989, p. 65).

Portanto, para se tornar um leitor capaz e proficiente, será preciso ter uma boa motivação, principalmente por parte dos professores na escola, uma vez que muitas vezes a escola é o ambiente onde a criança tem a oportunidade de conviver com recursos e materiais que envolvem leitura como: livros, revistas, cartazes, panfletos, jornais e outros meios que podem facilitar e contribuir com o processo de desenvolvimento da leitura.

No entanto, para desenvolver este processo em sala de aula, será preciso que o professor tenha consciência da importância que a leitura trará para o desenvolvimento sociocultural de seus educandos. Por outro lado, sabe-se que se a leitura deve ser um hábito, também deve ser para o aprendiz fonte de prazer e lazer, é interagir com o seu meio, fazendo uso da mesma. Para isso deverá ser sugerida e incentivada o mais cedo possível para o indivíduo por seus pais e familiares através de contos, histórias, cantigas e brincadeiras que possam contribuir para o desenvolvimento do aluno o processo de construção da mesma. Isto pode acontecer se seus pais e familiares tiverem o hábito de praticar a leitura em casa e incentivá-las a praticar este hábito, pois a escola não é o único local de aprendizagem.

Assim como existem diversas interpretações de uma obra de arte, existem diversas possibilidades de releituras dessa obra. Uma boa releitura irá depender de uma boa compreensão na leitura da obra. Rer ler uma obra é totalmente diferente de apenas reproduzi-la, pois é preciso interpretar bem aquilo que se vê e exercitar a criatividade. Ao recriar uma obra não é necessário empregar a mesma técnica usada pelo artista na obra original. Na releitura de uma pintura pode-se utilizar outras formas de expressão artística como o desenho, a escultura, a fotografia ou a colagem. O mais importante é criar algo novo que mantém um elo com a fonte que serviu de inspiração. Uma boa proposta de releitura se baseia em um conhecimento prévio.

Não escrevemos por acaso. Algo nos impulsiona e está subjacente em nossos atos. Também, não optamos por acaso. As escolhas têm seu fundamento.

em nossos desejos, aspirações e admirações, comprometendo diretamente a visão de mundo e de homem. Neste sentido, “não há possibilidade de ser gerado um conhecimento neutro, nem um conhecimento do outro que não interfira na nossa existência”. (Lane, 1994, p. 18).

Assim, este estudo tem o propósito de abrir algumas discussões sobre o processo de mediação da aprendizagem, discussão estas que existem na diversidade e na complexidade do contexto educacional, e é intenção também, oferecer orientações práticas sobre o estilo de perguntar de acordo com os critérios de mediação. O interesse por este assunto se deu a partir dos cursos, encontros e estudos feitos na Formação de Professores no Programa de Enriquecimento Instrumental I, procura-se dar continuidade de aos estudos teóricos com proposições práticas.

No entanto, não detêm-se a registrar experiências práticas, mas em refletir sobre as reais possibilidades da Modificabilidade realizar uma aproximação bastante complementar e inovadora para relacionar as diferentes concepções da aprendizagem habitualmente admissíveis, pois Feuerstein desenvolveu um modelo explicativo que concerne um papel extensivamente social ao mediador no processo de aprendizagem. Feuerstein (1983) parte de um ponto de vista da não existência da reedificação de estruturas; ao contrário, o sistema cerebral é plástico e possível de mudanças, ou seja, para qualquer que seja o caso ou a disfunção cerebral, ampliar as funções mentais superiores é algo necessário e inquestionável. Além disso, com base experiências com jovens após a Segunda Guerra Mundial, acredita-se na existência das possibilidades do sujeito modificar sua trajetória intelectual traçada socialmente.

Em toda situação educativa pode-se considerar três elementos integrantes: o professor, o aluno e a situação mediana na interação. A preocupação está no estilo desta interação em seu aspecto concreto e prático, que pode ser definido como a arte de mediar. Entende-se por arte de mediar todas as interações e mediações utilizadas, pelo professor, para esgotar as possibilidades de levar o aluno a aprender. A interação considera o conteúdo da mediação e tem como referência o modelo interativo de perguntar, não centrando a atenção somente nos conteúdos e nos resultados ou nem questionamento mecânico focado na aprendizagem de conteúdos. A mediação quer assegurar o processo, favorecer a Modificabilidade e

incrementá-la, ou seja, seu objetivo é produzir um nível mais abstrato de pensamento e ampliar as funções mentais superiores.

Para isso, cada palavra dita, e cada pergunta feita precisa ter uma intencionalidade que leve o aluno a transcender. Na prática de mediação as perguntas estão centradas: no que- isto é, na mudança cognitiva ou modificação que experimenta o sujeito; no por quê- definindo a melhoria no potencial de aprendizagem e a identificação dos fatores que dificultam a realização das tarefas; e no como- referindo-se ao processo pelo qual as experiências de aprendizagem permitem a mudança cognitiva de um modo sistemático. Esta forma de perguntar ajuda a definir problemas, a realizar inferências, a comparar, a fazer hipóteses, a extrair regras e princípios, com tendência de elevar o nível cognitivo a partir da tarefa proposta. Para melhor entender o estilo de perguntas de acordo com os critérios de mediação propostos pelo Programa de Enriquecimento Instrumental, se faz necessário apresentar um breve histórico de quem é o autor e de como surgiu a sua teoria.

O autor é Reuven Feuerstein, romeno, psicólogo- considerado um dos educadores mais conceituados dos tempos atuais- discípulo de Jean Piaget e de Carl Jung, carismático, ouvido e aplaudido no mundo todo por diferentes plateias. Professor de psicologia em Israel, conhecido mundialmente, Feuerstein desenvolveu métodos inovadores com crianças deficientes e com baixo desempenho.

O princípio básico da sua teoria é que a pessoa tem a opção de ser modificado, desde que tenha a oportunidade de se integrar a um modelo correto de aprendizagem. Modelo este, que denominou de 'aprendizagem mediada, desenvolvido por ele na década de 50 para 'explicar as 24 diferenças de predisposição para aprendizagem entre diferentes indivíduos. Trata-se de um modelo onde se ensina ao aluno e não o seu insucesso, para que ele aprenda a ter uma melhor relação com o aluno'.

A participação dos pais junto aos filhos é a primeira associação possível entre o mundo da família e o da escola para que a criança inicie sua escolarização, é aquela entre a socialização primária e socialização secundária. Nas palavras de Benzer & Luckmann (1973, p. 175):

A socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo apresenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade. A socialização secundária é aquela que ocorre depois da infância.

Ao serem indagadas a respeito da presença do hábito da leitura em domicílio, as crianças responderam da seguinte forma:

- Meu pai gosta de ler revistas, já a minha mãe gosta de ler livros, revistas. Ela voltou a estudar e só vive com livros na mão lendo e também escrevendo (Aluno 1).
- Só a minha mãe, pois ela estuda, mas não tem muito tempo para me ajudar nas lições de casa, sem falar que não tem paciência para ensinar (Aluno 2).
- Na minha casa ninguém gosta de ler, a minha mãe acha difícil ler, pois as letras são muito pequenas, e tem muitas palavras difícil que ela não sabe (Aluno 3).

Observa-se que o contexto familiar dos alunos pertencentes às classes menos favorecidas, os níveis de aprendizado da família em alguns momentos impedem-nas de progredir na leitura e escrita, pois a leitura e escrita são apropriadas pelos alunos também no convívio com outras pessoas.

Nesse caso, o ambiente sócio familiar de acordo com o pensamento expresso por Bourdieu (1999) impede que o capital cultural seja favorável à ascensão das crianças das classes menos favorecidas a terem êxito na escola. O ambiente familiar representa um papel importante no desenvolvimento do ser humano, especialmente na formação de atitudes e hábitos.

Segundo Rêgo (1998) a imitação desempenha aspecto relevante na formação da personalidade da criança e o contato com o adulto possibilita o aprendizado em dimensões significativas. Visto que vivemos numa sociedade letrada, onde se revela a valorização da leitura e essa competência na criança pode ser aprendida no ambiente familiar quando os pais são bons leitores.

Na perspectiva apresentada por Vygotsky a respeito da influência sociocultural, no processo de desenvolvimento humano, destaca-se a interação criança e adulto, no sentido de possibilitar avanços do aprendizado contextualizado à realidade vivenciada, e nesse leque de interações a leitura e escrita pode ser incentivada nas relações familiares. Entende-se que os processos de aquisição de leitura e escrita em diversos casos não são exclusividade da deficiência apresentada

pela escola, pois o ambiente familiar expresso por muitas crianças não oferece condições de elevar seu aprendizado.

Portanto, torna-se necessário estudo e análise sobre a aquisição de leitura e escrita pela escola dos fatores que impedem o desenvolvimento da criança neste processo construtivo da leitura e escrita, estabelecendo propostas pedagógicas favoráveis a elevação do nível qualitativo de aprendizagem da criança, juntamente com a participação da família. Expressar níveis de domínio de leitura e escrita pode ser favoráveis para o desenvolvimento da criança, o que certamente poderá mudar a realidade de suas vidas.

A leitura não é apenas uma das ferramentas mais importantes para o estudo e o trabalho, é também um dos grandes prazeres da vida. Num mundo onde cada vez mais os meios de comunicação dominam o interesse das novas gerações, os pais frequentemente se preocupam em criar nas crianças hábitos de leitura.

A leitura uma hora ou outra acontece na vida desde que se queira realmente ler, caso contrário, uma leitura sem um propósito não é necessariamente uma leitura. Quando se lê por imposição, o leitor apenas exerce uma atividade mecânica que pouco tem a ver com o significado e o sentido. Quando a leitura é desmotivada não conduz à aprendizagem e, assim a leitura que foi feita acaba sendo esquecida.

Quando se resolve ler algo, o leitor deve estabelecer um objetivo, ou seja, o que ele deseja saber sobre o assunto. Garcez (2004), fala que o objetivo da leitura é quem determina a forma de se ler.

- Por prazer em busca de diversão;
- Para obter informações gerais e esclarecimentos;
- Para obter informações precisas e exatas;
- Para desenvolver o intelecto;
- Seguir instruções;
- Para comunicar um texto a um auditório e;
- Revisão de textos.

Para JOUVE (2002), quando se lê um texto apenas por ler, empreende-se uma leitura do geral para o particular, ou seja, superficial e rápida, chama-se leitura descendente. Quando se procura uma palavra que chame a atenção, dentro da leitura ela é dita como leitura ascendente, detalhada e esclarecida, que passa do

particular para o geral. Para Kleiman (2002), “os objetivos na leitura são importantes para outro aspecto o da formulação de hipóteses”.

As hipóteses fazem com que alguns aspectos desse processo se tornem possíveis: o reconhecimento global e instantâneo de palavras não percebidas durante a leitura. O estabelecimento de objetivos e formulação e de hipóteses são de natureza meta cognitivo, isto é, atividades de reflexão e controle sobre o próprio conhecimento. Para tanto, a leitura é um ato importante em todos os níveis de aprendizagem que vai da inicialização da alfabetização e nos diferentes graus de sua vida.

De acordo com o artigo de Maria Tereza Fraga Rocco, que aborda a questão sobre a importância da leitura na Sociedade Contemporânea que diz que: Refletir sobre a leitura remete antes a duas questões: por que ler? O que a leitura proporciona? Do ponto de vista individual a leitura pode ser vista como meio de informação, instrumento de pesquisa e estudo, como fonte de prazer estético o que é proporcionado pelos textos literários.

Na leitura do texto literário o leitor, como sujeito, participa do processo de criação, constituindo-se, também em produtor do texto. Os textos instigam a criatividade ativando seu imaginário. Embora o texto literário seja produto de imaginação, ele tem o poder de revelar a realidade social e até mesmo desmascarar mentiras de forma que a ficção possa ser mais real do que de fato o é. A educação do leitor pressupõe, além de um acervo diversificado de textos, que os professores coloquem à disposição dos alunos obras de valor estético. A sala de aula deve ser transformada num espaço de leitura que estimule a exploração de vários sentidos dos textos de forma que faça a leitura prazerosa e significativa. A sua prática deve ser de estímulo à responsabilidade social, mobilização para reconhecimento do potencial; apresentação como fonte de prazer; distribuição de livros com gêneros e estilos diversificados. Ao se trabalhar com textos literários, os gêneros textuais devem ter objetivos diferenciados. O que se quer alcançar com aquele gênero? Qual a sua importância? Ao encontrar as respostas você terá atingido juntamente com sua turma o real significado da importância de ler. Não é possível estimular a leitura e cativar novos leitores se não acreditar nas vantagens de se ler. Se a leitura não for vista como um ato permanente de enamoramento com o conhecimento, o prazer da convivência com ela, sem dúvida, será de uma sociedade não-leitora.

É comum as escolas destinarem um espaço para a leitura, os quais são chamados de sala de leitura ou biblioteca escolar. No entanto, as escolas vêm mostrando que na prática muitas bibliotecas escolares estão sendo utilizadas inadequadamente, sob a visão de um conceito ultrapassado. Assim, é comum vê-las como simples depósitos de livros, isso tanto na rede pública como na rede privada. Porém, nem todas as escolas são iguais, algumas sabem valorizar esse tesouro, fazendo uso dos livros que lá contém. Conforme Freire (2008, p. 22), “A compreensão crítica da alfabetização, que envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca”.

Dessa forma, é preciso que a escola proporcione aos alunos o contato com a leitura, que os ensine a ler. Para tal prática, a biblioteca escolar é um espaço perfeito para que todos que nela atuam possam usufruir de seus livros como fonte de experiência, formando assim, cidadãos leitores.

Mesmo que o espaço seja pequeno, é preciso que o aluno tenha esse contato com o livro na biblioteca: frequentá-la para fazer pesquisa, estudar e também locar livros para ler no seu dia a dia. Porque a escola é o lugar de aprendizagem permanente, é preciso aproveitar das coisas boas que lá existem. O ambiente da biblioteca deve ser confortável, arejado, limpo, organizado, pois esse espaço físico também incentiva o aluno a ler, mesmo não sendo um espaço grande.

Com isso a biblioteca serviria como suporte de auxílio para a leitura em sala de aula. Pois, a partir do momento em que o aluno passar a frequentar a biblioteca, seu interesse pela leitura também passará a ser maior e, sem dúvida, esses alunos lerão com mais liberdade, tanto individualmente, no dia-a-dia, como em sala de aula. Este deve ser um compromisso de todos os professores da escola, assim, a biblioteca se transformaria num grande espaço ativo para melhorar os índices de leitura. Sabe-se, conforme Freire (2008), que é praticando a leitura que se aprende ser um bom leitor, já que Se é praticando que se aprende a nadar, Se é praticando que se aprende a trabalhar, é praticando também que se aprende a ler e a escrever.

Vamos praticar para entender E aprender para praticar melhor. (FREIRE, 2008 p.47) É preciso que essa prática de leitura comece na escola, pois muitos alunos não têm esse hábito de ler em casa, por isso a escola tem o papel fundamental de incentivar a leitura na educação. Desse modo, a escola é a porta do conhecimento que fornece as condições básicas para o aprendizado permanente.

A biblioteca é um ambiente propício para a leitura, condição indispensável ao desenvolvimento social e a realização individual do homem. E sabe-se que a escola representa a única oportunidade de ler que muitos alunos têm, talvez, única oportunidade de contato com os livros que são identificados como livros didáticos. Portanto, é necessário propiciar na biblioteca a leitura viva, diversificada e criativa, representando a forma de pensar, de agir e sentir de cada aluno.

Mesmo aquela escola que não tem uma biblioteca adequada para a leitura, é possível que o aluno leia em sala de aula, com o auxílio e motivação do professor, visto que, toda escola tem pelo menos um lugar onde os livros são depositados, isto é, um lugar que por muitos são chamados de biblioteca e que é esquecido pelo corpo docente. Cabe ao professor selecionar tais livros e levar para suas aulas, ou levar textos que condizem com a realidade e faixa etária da turma incentivando-a a leitura.

### **1.1 As primeiras ideias de leitura no Brasil e no mundo**

Na atualidade, a leitura da Literatura infantil vem ganhando presença nas escolas e em todos os espaços onde há crianças, até mesmo nos lares, muitos pais já optam em comprar livros paradidáticos visando a leitura dos filhos, de modo a desenvolver o gosto pela leitura das crianças em sua dimensão maior, ler e opinar pelo que leu, sendo capaz de apontar um juízo de valor ao contexto lido. Assim sendo, surge à inquietação: como a leitura deve ser utilizada e introduzida na escola de modo a possibilitar a aprendizagem da criança?

Sabe-se que as primeiras formas de leitura no mundo ocorreram quando o homem na sua capacidade de conviver com a natureza fazia seus primeiros rabiscos em pedras, árvores, no chão e em pedaços de madeira, rabiscos que, após anos, foram importantes acervos para a leitura e a compreensão da existência humana na Terra, com base nesses achados, o homem vem encontrando elementos que caracterizam vivências dos povos dos tempos das cavernas e por meio das leituras destes, fazendo descobertas valiosas para o entendimento da cultura local e de outras culturas (Nikitiuk, 2001).

Assim, a leitura no mundo surge desses primórdios que já em tempos remotos, faziam da escrita um meio de transmissão da leitura dos seus legados e fatos ocorridos no tempo e no espaço.

O ato de ler, não pode deixar esquecida a compreensão da leitura de mundo do sujeito. Nesse sentido, desde que nasce o homem inicia o seu processo de descobertas, uma forma de interpretar, que com o passar dos tempos, será lida em vários impressos, sendo pautadas suas vivências e práticas em sociedade por meio da leitura. A leitura se enfatiza pelo seu caráter rico em possibilidades com significativo potencial e relevantes anseios do leitor e sua relação com o que leu.

A leitura vista como algo que traduz inquietação e desacomoda o leitor a ir a busca de outras fontes, assim, quando o homem se depara com as primeiras formas de leitura, ele começa a argumentar sobre si próprio e sobre o mundo que o rodeia. Conforme Manguel (1997,p.60), “desde que se concebe o ato de ler, este sempre era feito em voz alta. Nas antigas bibliotecas, os escribas trabalhavam transcrevendo livros, lendo em voz alta. “Não seria diferente nos dias de Atenas e Pérgamo, tentar concentrar-se com dezenas de leitores espalhando tabuletas desenrolando pergaminhos, murmurando para si mesmos uma infinidade de histórias diferentes. ”

É sabido, que a leitura no período colonial no Brasil, era privilégio somente das classes mais elitizadas, os filhos dos coronéis recebiam ensinamentos formal em casa com uma professora particular, o pequeno, filhos das amas de leite, serviçais em geral, nem pensava em ir para a escola, os índios, recebiam ensinamentos voltados para a catequese e tinham como orientadores os padres Jesuítas (Nikitiuk, 2001)

Sabe-se, que a criança até a década de 80, só frequentava a escola a partir dos sete anos (PCNs,1997) porém, com o surgimento de creches e a compreensão da sociedade de que a criança pode aprender desde cedo, houve uma intensificação na qualidade da leitura e da alfabetização da criança nos últimos anos, crianças leem cada vez mais cedo.

Como forma de trazer as crianças para a escola mais cedo e garantir um tempo maior de convívio escolar, com perspectivas a maiores oportunidades para aprender a ler, no dia 06/02/2006 o Presidente da República sancionou a Lei nº 11.274 que regulamenta o ensino fundamental de 9 anos. A criança que com seis anos estava no pré 3 da Educação Infantil, passou a frequentar o primeiro ano do

Ensino Fundamental, momento em que a leitura, já deve ser inserida e sistematizada em sala de aula e em todos os espaços da escola(LDB/2006) .

Conforme as orientações gerais do Ministério da Educação e Cultura, (MEC), essa modificação vai além da inclusão de mais um ano de ensino. “Não se trata de transferir para as crianças de seis anos os conteúdos e atividades da tradicional primeira em um ensino fundamental de nove anos, considerando o perfil de seus alunos” (BRASIL, 2004, p.16)

Sabe-se, que a criança em décadas passadas era vista como um ser pouco capaz de realizar leituras muito cedo, a compreensão da sociedade era que criança não era capaz, Porém essa não é a visão de muitos teóricos com abordagem ao desenvolvimento infantil. Assim, com enfoque na Lei 11.274, que inclui a criança de 6 anos no ensino fundamental, pode-se comprovar que quanto mais cedo a criança ingressar no universo da leitura formal, mais ela tenderá a ler com rapidez, quanto mais incentivo, mais ela terá habilidade para ler e compreender.

No entanto, devido às disparidades sociais e a falta de recursos de muitos familiares, muitas crianças no Brasil, ainda estão chegando ao ensino fundamental sem muita capacidade para interagir com o conhecimento proposto nas escolas, ainda há muitas famílias que não sabem ler e o acesso à cultura é mínimo, resultando no pouco desempenho dos filhos em interagir com os novos saberes e objetos do conhecimento que são proporcionados para as crianças no fundamental.

Conforme Baldi (2009, p. 52), “no 1º ano, etapa que provavelmente a maioria das crianças ainda não esteja lendo alfabeticamente, propõe-se que se forme duplas, para a leitura em sala, reunindo alunos com níveis parecidos nesse processo de aquisição do código, para que possam os dois colocar em jogo tudo o que sabem na busca dessa decodificação, construindo juntos, e para que a professora possa fazer intervenções mais pontuais e produtivas com cada dupla.”

Pode-se destacar que a leitura em dupla, gera incentivo para a criança gostar de ler e desenvolver o espírito da solidariedade entre as crianças, resgatando a interação de equipe, a autonomia e a superação para ler alfabeticamente.

Nota-se, que na era atual, onde a mídia tem sido um grande motivador de interesses para todos os públicos, desenvolver na criança o desejo pela leitura, é tarefa bastante árdua, porém, cabe aos motivadores da Literatura, buscar despertar o interesse na vida infantil desde cedo. A família, por exemplo, pode ajudar aos filhos, sempre com hábitos usuais e constantes de presentear livros aos filhos.

motivar a leitura diária em casa, visitar bibliotecas, promover para a criança bons momentos de leitura junto aos pais, ao invés de só utilizar aparelhos tecnológicos como fonte de leituras.

Como informa Aguiar (2007).

A leitura aciona uma cadeia humana em direção à imaginação (...). Lendo me ligo a todos aqueles que vieram antes de mim e projetaram o tempo em que vivo, no que ele tem de resistência à dor, à violência e à injustiça. Isso porque, se o dia ensina a viver o que tenho pela frente, o livro literário desenha para mim outras realidades, possíveis de acontecer e, portanto, verdadeiras. Aguiar (2007, p.34).

Pode-se notar que a leitura é como uma viagem de idas e vindas, a criança aprende o que é da sua época, mas também, aprende coisas do seu tempo passado com todos os ancestrais, e o livro paradigmático, a literatura, é o grande mediador do encontro entre essas duas épocas, a passada e a realidade.

Para Carvalho (2010, p. 14), “a escola pode contribuir de muitas maneiras para formar indivíduos não apenas alfabetizados, mas também letrados. Desde a alfabetização, apresentar uma ampla variedade de textos é favorecer um mergulho no mundo da escrita, com a exploração de mil e uma possibilidades.”

Nota-se, que a variedade de acervo da leitura para a criança, possibilita o despertar de interesses para ler e gostar de adentrar na Literatura com perspectivas ao conhecimento de novas ideias.

Para Soares, (1998, p. 39), “letramento é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais da leitura e escrita; é também o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais.”

É sabido, que atualmente, ser letrado, é poder oferecer ao educando uma leitura e que, através dela, o estudante possa opinar, compreender, dar um sentido, mudar a ideia do que leu e trazer para a sua realidade a compreensão da leitura.

Percebe-se, que na contemporaneidade, a sociedade escolar tem buscado alternativas para solucionar os problemas recorrentes das dificuldades da leitura. Compreende-se que a criança desde muito cedo já convive com a linguagem oral não formal com familiares e a comunidade onde vive, e, vai aperfeiçoando na formalidade na escola e em outros veículos de linguagens como as redes sociais.

Sabe-se que no período neoliberal a educação da criança tem sofrido grandes mudanças, e para que esta possa inserir-se no processo do letramento as instituições em educação tem reforçado estudos e pesquisas sobre as causas do fracasso escolar da criança.

## 1.2 Práticas de Leitura com Crianças no Primeiro ano do Ensino Fundamental

É sabido que, quando a criança entrava na escola em décadas passadas esperava-se que por já ter sete anos, a criança já dominava a leitura do alfabeto, porém, faz-se necessário refletir que a criança no primeiro ano está ainda em processo de leitura, mudou a nomenclatura, mas, não mudou a idade. Assim sendo, pode-se perceber a necessidade de reflexão sobre as frustrações da criança que ingressa no primeiro ano e logo é cobrado dela uma leitura fluente.

Nesse sentido, cabe ao educador, desenvolver com a criança práticas de leituras prazerosas que a deixem se sentir bem para querer ler, usar de muitos materiais visuais, com bastante cores, no início a letra bastão, o alfabeto deve ficar exposto na sala de aula em uma altura em que as crianças vejam.

Percebe-se, que a leitura inicial no primeiro ano causa muita expectativa na criança e no educador. Um ponto relevante é a leitura em voz alta por parte do professor, é essencial que este, conte histórias em um tom de voz acessível a todos, fazendo entonação se for poesia, se for um conto, fazer mudança de voz, se tiver assombração expressar na voz o modo como ocorre a assombração, se for fábula, falar como os bichos, tudo isso traz para a criança uma vontade de realizar a leitura que a impulsionará a desenvolver a leitura muito rápido.

De acordo com Carvalho (2010, p.26), “o primeiro passo para a leitura é escolher um texto adequado aos interesses da turma e escrevê-lo numa folha grande de papel. Letras *script* ou bastão, ou ainda maiúsculas, de imprensa, são mais fáceis para o leitor iniciante do que a letra cursiva.”

O fato é que o educador na sua prática, precisa deixar a criança também manifestar a sua ideia, a sua opinião, permitir que o educando crie hipóteses, aponte sugestões, recrie a história, nomeie animais, concluam o término da história. Para Carvalho (2010, p. 23),

Rodas de leituras são encontros, dentro ou fora das salas de aula, em que um leitor-guia seleciona e lê em voz alta um texto \_ conto, crônica, poema, ou capítulo de romance para ser comentado. O principal interesse da roda é a troca de impressões, ideias e reflexões entre os participantes. Os participantes da roda devem receber o texto e acompanhar a leitura do guia, deixando os comentários para o fim. (CARVALHO, 2010, p.23)

Pode-se notar que a roda de leitura com crianças no primeiro ano, exige adequações pertinentes a idade, pois, a criança com 6 anos compreende muito bem, mas, é necessário que toda prática de leitura esteja adequada para a faixa de idade. Sendo compreendido, que as rodas de leituras em sala, bem como leituras em duplas, são essenciais para o despertar da leitura na criança.

Sendo assim, tem-se em mente que o mais importante da história, é fazer da leitura no dia a dia em sala um momento de prazer e trocas entre as crianças, o educador precisa usar a história para trazer contentamento na vida da criança e não só para dar lições, ressaltando que os contos são os preferidos entre os pequenos do primeiro ano.

Pode-se notar, que desenvolver a compreensão dos grafemas e fonemas no primeiro ano é de grande relevância para a criança descobrir a leitura, o educador pode em sala de aula, sempre promover a leitura em duplas com as crianças, de modo a resgatar a socialização entre ambas, além de ajudar as que ainda estão com mais dificuldades. Compreendendo que a leitura de textos não verbais para o desempenho da linguagem oral, é fundamental para a criança aprender a ler imagens e interpretá-las, o texto não verbal também é uma boa prática de uso em sala para incentivar o gosto da criança para ler. Segundo Ferrara ,(1997)

Não se ensina como ler o não verbal: é mais um desempenho do que competência, porque, sendo dinâmico, o não-verbal exige uma leitura, se não desorganizada, pelo menos sem ordem preestabelecida, convencional ou sistematizada. Porém o não-verbal aprende com o verbal a qualidade e o empenho da sua competência e o rigor da sua organização (FERRARA, (1997, p.28)

É sabido que a leitura não-verbal, não traduz um saber formalizado e sistemático como a leitura verbal, porém, capacita a criança ao desempenho da oralidade e da capacidade de compreender e interpretar imagens.

Compreende-se que se a criança ainda não desenvolve leitura, cabe aos adultos oportunizar para ela momentos prazerosos de leitura, e, na escola, a educadora pode criar com as crianças situações rotineiras de visitas à biblioteca para leituras, mesmo sem dominar a compreensão dos sinais gráficos, a criança ao pegar no livro, vai despertando o interesse para a conquista da leitura, é convivendo com livros que a criança pode ler, destacando que a prática da leitura na biblioteca não deve se destinar a um trabalho feito com a leitura, mas uma leitura descompromissada, sem uma cobrança, sem rótulos, a biblioteca deve ser um lugar de ler por prazer.

Conforme Baldi (2009, p.22 ), “O ambiente da biblioteca, pelo seu acervo e pelas atividades que se costuma ali realizar, já deve ser motivador por si só. No entanto, também é necessário que estas propostas se renovem em desafios e tipos de dinâmicas, e que o período do acervo se amplie constantemente, para que o ritmo e a intensidade de leitura se mantenham.”

Nota-se que a prática da leitura constante na biblioteca, pode favorecer ao estudante, um convívio com o livro de modo a estabelecer uma relação de companheirismo com a leitura diária, ressaltando a importância da educadora também sempre realizar leitura na biblioteca como meio de incentivo à criança.

A leitura entendida como um hábito constante em sala de aula pode possibilitar ao educando uma maneira sociável com os livros. Nesse sentido, pode-se desenvolver com o educando diariamente, a leitura socializada, que pode ocorrer de modo organizado e com um objetivo, momento em que todos possam ler e ajudar um ao outro no momento da leitura e que, todos socializem o que leu entre os colegas.

Nota-se, que é no primeiro ano que acontece o processo da alfabetização e do letramento da criança, assim, pode-se compreender que a professora nesse momento, debruça esforços no aprendizado do estudante, de modo que as habilidades propostas para a idade da criança sejam contempladas.

### **1.3 Alfabetização e Letramento no primeiro ano do Ensino Fundamental**

Aqui se pretende abordar sobre o processo de alfabetização e o letramento da criança, momento em que há todo o cuidado para que haja uma aprendizagem prazerosa em especial, quando introduzida a leitura nessa etapa escolar.

Conforme Soares (2003, p.47), alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e a escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita. Pode-se considerar letrada, a criança que apresenta o domínio da leitura e a compreende, sendo possível dar um sentido ao que leu, ou até mesmo, opinar e interpretar fatos demonstrados pelo autor do texto, assim, alfabetizar letrando, sempre é um desafio para o educador, pois, é sabido que, o grande motivador em sala de aula para que a leitura seja entendida e, em especial haja encantamento da criança para ter prazer em ler cotidianamente, é sempre o educador. Conforme Kleiman (2001):

O letramento ocasiona mudanças políticas, sociais, econômicas e cognitivas a partir da inserção dos indivíduos nas sociedades tecnológicas e, por isso, mesmo o analfabeto poderá ser letrado de acordo com seu convívio social. Portanto, o letramento extrapola o mundo da escrita. A escola é apenas uma das agências de letramento que se preocupam com a alfabetização, mas o letramento como prática social é adquirido na rua, no local de trabalho, na família, na igreja e em outros contextos sociais. (KLEIMAN, 2001, p. 15-61)

Compreende-se, que a leitura enquanto processo, ela se traduz em todos os lugares de convívio da criança, seja qual for o ambiente, é possível aprender a ler com a convivência ativa da criança em um mundo de livros e acervos que a possibilite a compreensão da leitura. De acordo com Soares ((2001),

O termo letramento é uma tentativa de tradução do inglês Literacy, significando “o estado ou a condição de se fazer usos sociais da leitura e da escrita”. Foi usado, primeiramente, por Mary Kato (1986, p. 7). No século XIX, o dicionário de Português Caldas Aulete trazia o vocábulo letramento como uma palavra arcaica”, atribuindo-a ao que hoje chamamos de soletrar. A palavra morreu e ressurgiu demonstrando a vivacidade e o dinamismo das línguas. Sendo assim, o letramento difere da alfabetização, que é o processo formal de ensinar a ler e a escrever (SOARES, 2001, P .56)

Para Teberosky (1995, p.73), “pesquisas feitas em diversos países demonstram que meninos e meninas que desde cedo escutam histórias lidas e/ou contadas por adultos, ou que brincam de ler e escrever (quando ainda não dominarem o sistema de escrita alfabética), adquirem conhecimento sobre a

linguagem escrita e sobre os usos dos diferentes gêneros textuais, antes mesmo de estarem alfabetizados”.

Na atualidade, a escola entende a alfabetização como um processo da criança para chegar até a leitura. No primeiro ano, educadores já utilizam métodos de leitura em sala desde os primeiros dias do processo inicial da criança na escola, tal prática, deve-se começar a partir do estudo de palavras, com destaque para a letra em estudo. O professor desenvolver o estudo partindo da letra inicial, até a palavra. Como cita Kleiman (1990)

Quando aprendemos uma palavra, teremos estabelecido uma série de relações, tanto funcionais como formais, com outras palavras. Sabemos um dos significados da palavra “herói”, por exemplo, quando sabemos que se trata de um guerreiro que se destaca por ações que requerem coragem física excepcional: isso pressupõe conhecimento sobre guerras e sobre tipos de ações que seriam indicativas de coragem, o que implica, por sua vez, conhecimento de ações que são consideradas, ou não, excepcionais ou covardes, e assim sucessivamente. Há ainda, o fato de que o significado de uma palavra é instável, dependendo do uso em um contexto específico: por exemplo, a palavra “herói” pode ou não implicar reconhecimento e admiração (KLEIMAN, 1990. p.62)

Pode-se notar, que a autora acima, quer pontuar para os educadores, que a leitura necessariamente, não precisa começar somente pela letra, mas, pode começar da palavra, e, em seguida, partir para o entendimento da letra. Assim sendo, a sala de aula, pode se transformar em um acervo de conhecimento recheado de palavras e letras, até que a criança conceba isso, e transforme tudo em leitura de mundo. O educador depois que desenvolve na criança a compreensão de palavra e letra, pode introduzir a noção da leitura de frases, momento em que o professor pode solicitar que as crianças ouçam fatos fora da escola, memorizem e os traga para a sala de aula, de modo que, a partir daquele fato, o professor possa junto com as crianças, construir ideias e frases trazidas das vivências das próprias crianças e compartilhar em sala com todos. Gerando assim, a ideia de frase.

Conforme Carvalho (2010), são sugestões de aprendizagem de leitura: escrever uma poesia curta e lê-la várias vezes, até que os alunos a aprendam de cor. Pedir para localizarem esta ou aquela palavra no texto (pelo processo de falar pausadamente e ir apontando as palavras). Contar o número de palavras por verso e o número de espaços entre elas; fazer o mesmo com letras de música conhecidas.

provérbios, frases de para-choques de caminhão etc; depois de ler um texto em voz alta, apreciando seus significados, pedir aos alunos para descobrirem qual é a palavra, ou palavras, que nele se repete.

Percebe-se que as recomendações da autora, é mostrar que, depois da compreensão da palavra e da letra, ela quer elencar o valor de situar a criança na leitura da poesia, destacando, que a poesia é uma das formas de compreender a nessa hora pode utilizar o próprio nome da criança para leitura de maneira brincante, porque envolve, rimas, versos, estrofes e a criança se apropria com rapidez ao universo da leitura sem haver uma carga emocional para atingí-la. Para Baldi (2009),

A poesia desperta sobremaneira o interesse das crianças, justamente porque elas se deixam envolver e fascinar pela rima, pelo ritmo e pela sonoridade, entrando na brincadeira que o poeta propõe. Além disso, especialmente neste momento do 1º ano, esse texto, de menor volume e de leitura aparentemente mais fácil, porque divertida, convida os “pequenos” a decifra-los, funcionando como estimulador de aprendizagens também relativas à alfabetização. (BALDI, 2009, p.122)

Nota-se, que a autora só acrescenta o valor da poesia no processo de alfabetização, destacando que ler poesia é uma forma brincante de conviver com as palavras, as letras e os versos.

É sabido, que uma maneira viável para desenvolver na criança a leitura, é através dos jogos e das brincadeiras, a começar pela separação das sílabas de uma palavra, o educador pode destacar a importância de ajudar a criança a separar sílabas de uma palavra, a partir da pronúncia vagarosamente até chegar a escrita, nesse caminho, o professor pode destacar cada sílaba com palmas a partir da sílaba dita. É uma forma brincante de estudar as palavras e também, promover a leitura e a descoberta de palavras e seus sons. Sempre que desenvolver essa dinâmica, o educador deve buscar envolver a todos de modo que a compreensão seja da maioria. Ainda conforme Carvalho (2010), desde as etapas iniciais da alfabetização, a principal preocupação do leitor deve ser a busca do significado (ou significados), a compreensão dos usos sociais da escrita é importante e pode ser facilitada, na escola, pela criação de situações de leitura funcional; o gosto pela leitura é resultado do contato frequente com textos interessantes, de diferentes gêneros.

Nesse sentido, saber diferenciar gêneros textuais no primeiro ano, é uma tarefa do educador em adentrar a criança mesmo ainda muito pequena, ao conhecimento de diversos acervos, é preciso que a escola oportunize a criança a estudar e a se apropriar de diversos portadores da literatura infantil, pois, entende-se que, quanto mais a criança conviver com livros, mais ela terá conhecimento.

#### **1.4 Variedade da Leitura de Gêneros Textuais com Crianças no 1º ano**

É na escola que a criança dependendo da realidade em que vive, tem o primeiro contato com os livros. Entende-se, que são poucos os pais que costumam presentear seus filhos com livros. O que dificulta os educadores nos primeiros anos a promover a criança no universo da leitura, uma vez que, a família não favorece o uso de livros em suas casas. Para Baldi (2009)

É importante prever um aquecimento para a leitura, favorecendo a conexão com o próprio texto, para trazer à tona conhecimentos e questões dos alunos sobre o tema ou o tipo de texto, os quais utilizem para melhor se relacionar com ele nesse primeiro momento, estando mais motivados a lê-lo, curiosos e preparados para receberem a história e serem melhor sucedidos na sua leitura. Esse trabalho pode ser feito não só no começo de um determinado livro ou unidade, por exemplo, mas a cada capítulo ou texto, e de diferentes maneiras, conforme o tipo de texto e a turma. (BALDI, 2009, p.49) .

Pode-se notar, que o aquecimento proposto pela autora, ajuda a nortear a leitura, possibilitando à criança, nesse primeiro momento acompanhar o texto e sentir-se motivada a querer descobrir a leitura apresentada pelo educador.

Faz-se necessário nesse momento, que o professor, tenha sensibilidade e procure apresentar sempre textos curtos, de fácil compreensão e com letra bastão de preferência, pois, no primeiro ano, a criança não se apropria de estilos de letras diferentes, e a princípio, é importante que o mediador da leitura, esteja atento a ajudar a criança possibilitando a leitura de acordo com as habilidades da criança.

Sabe-se que no primeiro ano, o professor pode desenvolver com a criança muitas oportunidades de leituras de textos diversos. Priorizando as leituras curtas

com um padrão de escrita voltada para a alfabetização inicial, pautando o desempenho da criança nessa fase.

É sabido que a leitura do gênero poesia, para a criança no primeiro ano, é um excelente começo para que haja um esforço da criança para a leitura. Pode-se destacar, que, se a criança realizar muita leitura de poemas, ela poderá ampliar mais seu modo de sentir e apreciar a poesia. Assim sendo, toda criança que ler muita poesia, torna-se mais capacitada a entender esse gênero, sendo mais autêntico no reconhecimento das características do que seja uma poesia, dentre outros textos.

Compreende-se, que as leituras de outros gêneros, como as cantigas de roda, as parlendas, as adivinhas, os contos, as fábulas, o bilhete, a notícia, as histórias em quadrinhos, o educador sempre terá suporte para desenvolver leituras com rico acervo e oportunidades para ajudar a criança nesse momento inicial da leitura. Pontuando que, não só a quantidade de acervo deve prevalecer, mas, também a forma criativa que o educador pode promover nas suas aulas, explorando cada texto de modo divertido, instigante e sempre convocar a criança para estar dentro do contexto, participando e interagindo.

Conforme Foucambert (1998), Ler não é decifrar, mas compreender. Aprender a ler é desenvolver recursos para estabelecer uma ligação direta entre a escrita e o significado.

Compreende-se que a criança ao debruçar em acervos de leituras diversas, elabora seus próprios conceitos sobre o que leu, sendo assim, ao oferecer um significado para um texto ou mesmo um livro lido, a criança perpassa o seu parecer daquela leitura, e o educador nessa hora, observa, mas não induz conceitos prontos ao entendimento da criança, que, aos poucos irá amadurecendo seus conceitos.

Conforme Solé (1994), os significados de conhecimentos da leitura são: para que serve ler? O que pode ser lido? Compreender relações entre escrita e ilustrações e os elementos que compõem o texto.

Entende-se que é nessa concepção, que o educador deve desenvolver estilos diferentes de leituras em sala de aula, sempre pautado na observação do que pode ser lido e em que servirá para a criança a leitura realizada.

Deve-se em sala de aula, serem vividas a cada texto ou gênero, uma análise por parte do educador em organizar sua sala, sempre pautando a ambiência da sala, de modo a contemplar o tipo de texto que está sendo desenvolvido, resgatando em cada momento as características do texto, bem como, deixando em sala, exposi-

para a visualização da criança, possibilitando que no cotidiano, a criança esteja sempre lendo e visualizando o gênero vivido. Faz-se necessário, que o educador, proponha a criança, que traga da sua casa, portadores de leitura do gênero em ênfase, para construir um espaço propício para a hora da realização da leitura em sala de aula.

Conforme Baldi (2009), para aquecer a leitura, o professor deve explorar a capa do livro lido de modo que os alunos observem bem as ilustrações e os textos escritos, se dando conta dos detalhes. O livro pode ir passando, para todos olharem de perto. A professora vai perguntando: Qual é o título do livro? Quem escreveu? Quem ilustrou?

Pode-se notar, que a depender do gênero trabalhado, o educador pode explorar de modo a atender o estilo do texto, sempre pautando a caracterização de cada portador. Facilitando assim, a apropriação da criança sobre a leitura realizada.





## 2. METODOLOGIA

Pesquisa de abordagem qualitativa de caráter exploratório, realizado por procedimentos de revisão de literatura com nível de investigação descritivo e não experimental, buscando aplicar todo conhecimento adquirido na busca de soluções às dificuldades e o papel do docente no processo de ensino aprendizagem, visando entender as dificuldades de leitura e escrita de alunos do Ensino Fundamental anos iniciais.

Pesquisa qualitativa é um tipo de método de investigação de base linguístico-semiótica usada principalmente em ciências sociais. Costumam-se considerar técnicas qualitativas todas aquelas diferentes à pesquisa estatística e ao experimento científico, isto é, entrevistas abertas, grupos de discussão ou técnicas de observação de participantes. Os instrumentos utilizados foram artigos científicos da internet e documentários de alguns profissionais da área que vivenciaram esses desafios e autores de livros que abordam questões sobre o assunto. A pesquisa foi realizada mediante abordagem qualitativa, isso significa que o pesquisador qualitativo estuda coisas em seu ambiente natural, tentando dar sentido ou interpretar os fenômenos.

Segundo Cervo e Bervian (2002), na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e objeto de estudo em questão necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que eles se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador.

Ampliar seus conhecimentos, lidar com conceitos hierarquicamente relacionados são atividades extremamente importantes e complexas, que possibilitam novas formas de pensamento, de inserção e atuação em seu meio. Isso quer dizer que as atividades desenvolvidas e os conceitos aprendidos na escola (que Vygotsky chama de científico) introduzem novos modos de operação intelectual: abstrações e generalizações mais amplas acerca da realidade (que por sua vez transformam os modos de utilização da linguagem).o consequência, na medida em que a criança expande seus conhecimentos, modifica sua relação cognitiva com o mundo.

A Pesquisa bibliográfica consiste na etapa inicial de todo o trabalho científico ou acadêmico, com o objetivo de reunir as informações e dados que

servirão de base para a construção da investigação proposta a partir de determinado tema. Já a Pesquisa exploratória é um dos tipos de pesquisa científica. Consiste na realização de um estudo para a familiarização do pesquisador com o objeto que está sendo investigado durante a pesquisa.

Entende-se que a escola através do acompanhamento sistemático do aprendizado dos alunos é possível desenvolver um trabalho qualitativo, capaz de elevar o nível de apreensão da leitura e escrita. Assim o papel que a escola representa na vida da criança é importante no sentido de oportunizar o acesso ao conhecimento em bases sistematizadas, visto que em nossa sociedade letrada é observado o valor dado a aquisição da leitura e escrita de modo que o contexto escolar é o espaço favorável a apreensão do conhecimento.



### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

É válido e apropriado afirmar que foi visto que as dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita em classe de alfabetização na faixa etária de sete anos são para alguns pesquisadores uma das fases mais importante – pré-escolar – precisando de maior atenção, pois é o início de toda uma vida escolar, na qual deverá desenvolver habilidades linguísticas, superar as dificuldades na memória verbal, entre outras desenvolvimentos.

As dificuldades ocorrem por diversos fatores, por utilização de metodologia não adequada e não atualizadas em diversas instituições, devido à própria segurança do professor que se prende a métodos e cartilhas antigas, método sintético, analítico e sintético analítico (misto) de soletração e silabação como ponto de partida para aprendizagem da leitura e escrita.

Metodologia muitas vezes ultrapassada pelo tempo e que ensinam por meio de repetição e cópias de palavras muitas vezes sem significação para o aprendiz. Apesar das propostas de Emília Ferreiras fundadas na teoria de Jean Piaget, de que a criança aprende e cresce intelectualmente, e tem estruturas mentais diferentes dos do adulto. Criando seus próprios caminhos distintos para determinar a realidade e para ver o mundo. Uma das críticas citadas por Jean Piaget ao ensino tradicional era que os alunos eram considerados passivos no processo de aprendizagem. O aprendiz era obrigado a realizar uma série de exercícios repetitivos para memorizar coisas que serão esquecidas, para ele repetir exercícios não é aprender.

De acordo com o que foi exposto, nota-se que o professor precisa de uma boa formação teórica sólida para embasar sua prática, entender a natureza da língua escrita, como se dá a sua aquisição pela criança, para poder, interferir, mediar e respeitar o processo de construção na fase inicial da aprendizagem.

Por falta de conhecimento o professor joga a culpa na criança pelo seu baixo desempenho na aprendizagem da leitura e escrita, atribuindo a sua suposta deficiência linguística e cultural, porém a dificuldade não está na criança mas na escola que não sabe ensinar a língua padrão.

O ato de ler é um ato de encantamento primordial e flexivo. Não se pode pensar que está lendo se não houver um espaço em conhecer o contexto que envolve o texto lido. Leitura é ação da compreensão e não apenas da palavra, mas dos fatos sociais. As pessoas que detêm a verdadeira leitura, são aquelas que

conseguem compreender o que está escrito e através dela que o indivíduo constrói e reconstrói conceitos que servirão na sua formação enquanto sujeitos sociais.

A leitura é um processo amplo no qual o leitor precisa de diversas estratégias para chegar a compreensão do texto. A mesma não é uma prática isolada, e para que ela ocorra de forma satisfatória, faz-se necessário que o leitor defina o momento da leitura os seus objetivos e assim chegar ao sentido do texto.

Compreende-se, que as leituras de outros gêneros, como as cantigas de roda, as parlendas, as adivinhas, os contos, as fábulas, o bilhete, a notícia, as histórias em quadrinhos, o educador sempre terá suporte para desenvolver leituras com rico acervo e oportunidades para ajudar a criança nesse momento inicial da leitura. Pontuando que, não só a quantidade de acervo deve prevalecer, mas, também a forma criativa que o educador pode promover nas suas aulas, explorando cada texto de modo divertido, instigante e sempre convocar a criança para estar dentro do contexto, participando e interagindo.

Entende-se que é nessa concepção, que o educador deve desenvolver estilos diferentes de leituras em sala de aula, sempre pautado na observação do que pode ser lido e em que servirá para a criança a leitura realizada.

Deve-se em sala de aula, serem vividas a cada texto ou gênero, uma análise por parte do educador em organizar sua sala, sempre pautando a ambiência da sala, de modo a contemplar o tipo de texto que está sendo desenvolvido, resgatando em cada momento as características do texto, bem como, deixando em sala, exposto para a visualização da criança, possibilitando que no cotidiano, a criança esteja sempre lendo e visualizando o gênero vivido. Faz-se necessário, que o educador, proponha a criança, que traga da sua casa, portadores de leitura do gênero em ênfase, para construir um espaço propício para a hora da realização da leitura em sala de aula. Pode-se notar, que a depender do gênero trabalhado, o educador pode explorar de modo a atender o estilo do texto, sempre pautando a caracterização de cada portador. Facilitando assim, a apropriação da criança sobre a leitura realizada.

Enfim, é necessário a escola proporcionar condições a criança se apropriar da leitura e escrita em dimensões favoráveis ao seu aprendizado qualitativo, pois o momento que se revela como fator importante o domínio dessas dimensões na vida humana é possível à escola cumprir seu papel em elevadas proporções, visando o desenvolvimento do homem na sociedade que vive.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O referido estudo, de punho bibliográfico, com temática à Prática da Leitura no 1º ano dos anos iniciais, teve como objetivo analisar a prática da leitura no primeiro ano dos anos iniciais, a temática surgiu por uma inquietação das autoras, buscando uma maior compreensão sobre o estudo embasado. De abordagem qualitativa, foi realizada uma reflexão sobre os referenciais destacados no desenvolvimento, com o intuito de auxiliar a prática docente das pesquisadoras.

A leitura, aqui compreendida, deixou claro sobre a importância do papel do educador para o desempenho da criança no processo da leitura, assim, sendo o professor é um grande motivador para que a criança leia, porém, a vida extra escola, a família e o papel social que ela exerce sobre a vida da criança, são fundamentais para que o educando se aproprie da leitura com mais autonomia.

O estudo enfatizou sobre a criança e o processo da alfabetização e o letramento, tais elementos, que na concepção de Soares(2001), não podem ser dissociados, pois um é essencial ao outro. Assim, ficou entendido, que nenhuma prática de leitura ocorre em separada do letramento, quem consegue ser alfabetizado, conseqüentemente, consegue chegar a ser letrado, desde que apresente habilidades para ler e escrever dando um parecer sobre o que leu, apresentando uma opinião e até mesmo mudando ou transformando algo por meio da leitura.

No entanto, conhecer as visões dos teóricos embasados no estudo, foi de grande relevância, uma vez que, todos deixaram uma lição de conhecimento e clareza de ideias sobre a temática. Assim, espera-se, que as ideias expostas, possam possibilitar a cada autor desse artigo uma nova concepção sobre a leitura, e que o texto em destaque possa contribuir nas vidas de outros educadores e profissionais em educação, dando-lhes sabedoria ao ministrar aulas com crianças nos anos iniciais.

De acordo com os estudos da área da linguística percebe-se que não se constrói leitores e escritores através de ensino mecânico. A língua é um fenômeno social, dinâmico, vivo e mutável, não funciona sempre do mesmo jeito, ela muda de acordo com o contexto, a situação de produção e a intenção do interlocutor. Portanto, a aprendizagem não significa, repetir modelo pré-determinado, mas a

capacidade de fazer uso da linguagem em diferentes situações de comunicação, usar a língua para seus variados fins.

Como se pode perceber, falar em leitura e escrita, na fase inicial, significa falar em formação competente do professor para atuar nessa fase. Essa interlocução professor-aluno-escola-formação dão a medida certa, nesse momento, para a formação de leitor e escritor desde as séries iniciais do ensino fundamental, até os outros cursos subsequentes.

Os conhecimentos adquiridos durante a pesquisa serviram como suporte para a prática pedagógica. No entanto acreditamos que para acontecer o avanço na prática da leitura e da escrita é preciso que os professores sejam comprometidos com a desmistificação das relações sociais, tenham clareza teórica e estimule a presença, a discussão, a pesquisa, o debate e enfrentamento de tudo que se constrói o ser.

Compreende-se que o processo de leitura e escrita inicia muito antes da criança entrar em contato com o mundo adulto, recebendo estímulo para depois chegar a escrita convencional. E deve se estender durante longos anos da vida acadêmica.

Sendo assim, o professor deve ser um profissional reflexivo em sua prática pedagógica, deve ser sensível à apreensão de possibilidades alternativas, deve ter consciência que é passível de erros, que busque constantemente apoio nas famílias dos seus alunos, convidando-os a fazerem uma verdadeira parceria no processo de educar e conduzir o aluno à aprendizagem das principais competências que os farão adentrarem numa sociedade letrada que esteja sempre se questionando no seu fazer em sala de aula, indo além das atividades imediatistas, tendo em mente o tipo de homem que quer formar.

**REFERÊNCIAS:**

AGUIAR, Vera, “**Ler é pra cima**’. In: **AGUIAR, Vera et al. Catálogo da exposição comemorativa de 15 anos da Editora Projeto**. Porto Alegre: Projeto, 2007.

BALDI, Elizabeth, **leitura nas séries iniciais: uma proposta para a formação de leitores de literatura**./ Elizabeth Baldi.- Porto Alegre: Editora Projeto, 2009.

**BARBOSA**, José Juvêncio. *Alfabetização e Leitura*. São Paulo: Cortez, 1990.

BERGER, Peter L. LUCKMANN, Thomas.**A sociedade como realidade in A construção social da realidade tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis, Editora Vozes, 1973

BRASIL. **Lei nº 11.274, de 06 de fevereiro de 2006, Altera a redação dos arts. 29, 30, 32 e 87 da Lei 9.394, 20 de dezembro de 1996**. MEC: Ministério da Educação e Cultura.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. Ministério da Educação. Brasília, 2017;

BRANDÃO, Helena H. Nagamine e MICHELETTI, Guaraciaba. **Teoria e prática da leitura**. In: **Coletânea de textos didáticos. Componente curricular Leitura e elaboração de textos**. Curso de Pedagogia em Serviço. Campina Grande: UEPB, 2002.

**CAGLIARI**, Luiz Carlos. *Alfabetização e Lingüística*. São Paulo: Scipione, 2002.*Catálogo de base de dados*. Vol. 1, São Paulo, FDE.

CARVALHO, Marlene. **Revisitando as metodologias de Alfabetização: professores falam suas práticas**. Março/agosto 2010.

CASTRO, S. T. R., SILVA, E. R. (orgs.) **Formação do profissional docente:contribuições de pesquisas em Lingüística Aplicada**. Taubaté, SP: Cabral Editora Livraria Universitária, 2006.

**FERREIRO, Emília.** Reflexão sobre alfabetização. 24. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

**FREIRE, P. Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

**JOUBE, Vincent. A leitura.** São Paulo: Unesp, 2002. Trad. Brigitte Hervot.

**KATO, Mary A. No mundo da escrita: Uma perspectiva psicolinguística.** 7 ed. São Paulo: Ática, 2009. 144 p.

**KLEIMAN, Angela, (org) leitura, ensino e pesquisa,** Campinas, Pontes, 1990.

**KLEIMAN, Ângela. Texto e Leitor: aspectos cognitivos da leitura.** 14. ed. São Paulo: Pontes, 2011;

\_\_\_\_\_. **Os significados de letramento.** Campinas, Mercado das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. **Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola .3ª ed.** Campinas, Mercado da Letras, 2001, pp.15-61

Ministério da Educação e Cultura, MEC, **Reforma do Ensino Fundamental de 9 anos.** Brasília/2004, p.16.

\_\_\_\_\_. **Os Processos de leitura e Escrita.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987

\_\_\_\_\_. **Psicogênese da língua Escrita.** 4 ed. Porto Alegre: Artes médicas, 1991

**NACIONAIS, Parâmetros Curriculares. Língua Portuguesa / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental – 3 ed. – Brasil: A Secretaria, 2001 p.53.**

**SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A criança na fase inicial da escrita: Alfabetização como processo discursivo.** Ed. São Paulo: Cortez, 2003

**SOLÉ, Isabel. Estratégias de leitura.** 6 ed. Porto Alegre, ArtMed, 1994.



FACULDADE

**TRÊSMARIAS**

VIGOTSKI, L. S. **Problemas del desarrollo de la psique.** In: **Obras Escogidas, Tomo III.** Madrid: Visor, 1992.



 [atendimento@faculdadetresmarias.edu.br](mailto:atendimento@faculdadetresmarias.edu.br)

 (83) 3507-3705

 Rua Hildebrando Tourinho, 177  
Miramar - João Pessoa - PB.

 [www.faculdadetresmarias.edu.br](http://www.faculdadetresmarias.edu.br)

